

## OS DOIS DISCÍPULOS DE EMAÚS

*Nesse mesmo dia, dois dos discípulos iam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, que ficava a cerca de duas léguas de Jerusalém; e conversavam entre si sobre tudo o que acontecera. Enquanto conversavam e discutiam, aproximou-se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer. Disse-lhes Ele: «Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» Pararam entristecidos. (Lc 24, 13-17)*

Dois homens caminham lado a lado. Vê-se, pela sua postura, que não estão felizes. Caminham de ombros encurvados, cabisbaixos, movendo-se com lentidão. Nem sequer olham um para o outro. De vez em quando proferem alguma palavra, mas as suas palavras não se dirigem um para o outro: dissipam-se no ar, como se fossem sons inúteis. Embora sigam juntos pelo mesmo caminho, parece que não tenham um destino. Regressam a casa, para uma casa que deixou de ser casa. Regressam para lá, simplesmente, porque não há outro lugar para onde ir. Aquela casa transformou-se em vazio, em desilusão e desespero.

Mal conseguem imaginar que ainda há pouco tempo encontraram alguém que mudara as suas vidas, que as transformou radicalmente, que lhes deu uma nova vitalidade. Por isso, deixaram a sua aldeia para o seguir. Com ele, aprenderam o amor e o perdão. Sim, Jesus de Nazaré, aquele desconhecido, renovou as suas vidas. O mundo deixava de ser uma carga pesada, mas um desafio para amar. O mundo deixava de ser um campo cheio de armadilhas, mas um lugar cheio de oportunidades. Transmitiu-lhes alegria e paz, transformou a vida de ambos numa festa! Mas agora tudo isso acabou. O seu corpo, que outrora irradiara luz, fora destruído às mãos dos seus torturadores.

Tudo ficara reduzido a nada. Tinham-no perdido. Não só a ele, mas também a si próprios, como ele. A energia que preencherá os seus dias e as suas noites tinha-os abandonado completamente. Agora não passavam de dois seres humanos perdidos, que regressavam a casa, sem terem uma verdadeira casa.

### *A palavra «perda» exprime a nossa dor*

Se há alguma palavra que possa resumir a dor, é a palavra «perda». Os dois discípulos perderam algo, nós também perdemos tantas coisas! Por vezes, parece que a vida não passa de uma longa série de perdas. Quando nascemos, perdemos a segurança do ventre materno; quando fomos para a escola, perdemos a segurança da nossa vida familiar; quando arranjam os

nosso primeiro emprego, perdemos a liberdade da juventude; quando nos casámos ou fomos ordenados, perdemos a alegria de muitas possibilidades de opção; por fim, quando envelhecemos, perdemos a nossa boa aparência, os nossos velhos amigos ou a nossa reputação. Quando nos tornamos débeis ou adoecemos, perdemos a nossa independência física e, quando morremos, perdemos absolutamente tudo! E todas estas perdas fazem parte da nossa vida “normal”. Mas, afinal, quem tem uma vida normal?

Há outras perdas que se instalam profundamente no nosso coração e na nossa mente: a perda de intimidade devido a separações, a perda de segurança devido à violência, a perda de inocência devido a abusos, a perda de amigos devido a traições, a perda de amor através do abandono, a perda de casa devido à guerra, a perda de bem-estar devido à fome, ao calor ou ao frio, a perda de filhos devido a doenças aos acidentes, a perda de pátria devido a sublevações políticas, e a perda de vidas devido a terremotos, inundações, quedas de aviões, bombardeamentos e doenças.

Algumas destas trágicas perdas parecem estar longe de nós; só ouvimos falar delas pelos jornais ou pela televisão, contudo, não podemos escapar das perdas dolorosas que fazem parte da nossa existência quotidiana. Durante os anos da juventude sonhamos ter sucesso, ser pessoas queridas e amadas. Sonhamos com uma vida de generosidade e de serviço, até de sacrifício, para ajudar os outros. Sonhamos uma vida diferente, se sermos instrumentos de reconciliação e construtores de paz, mas perdemos o encanto dos nossos sonhos. Olhando para os dois discípulos de Emaús, reconhecemos que também andamos perdidos. A palavra «perda» resume a nossa dor.

Já perdemos tantas coisas! Por vezes, até parece que a nossa vida não passa de uma longa série de perdas. Quando nascemos, perdemos a segurança do ventre materno; quando fomos para a escola, perdemos a segurança da nossa vida familiar; quando arranjámos o nosso primeiro emprego, perdemos a liberdade da juventude; quando nos casámos ou fomos ordenados, perdemos a alegria de poder escolher entre diferentes possibilidades. Com o passar dos anos, perdemos a nossa boa aparência, perdemos os nossos amigos ou a nossa própria reputação. Depois, quando enfraquecemos ou adoecemos, perdemos a nossa independência física e, quando morremos, perdemos absolutamente tudo!

### *Dar sentido às nossas perdas*

No entanto, existe uma perda ainda mais dolorosa, a perda da nossa fé – a perda da convicção profunda de que a nossa vida tem sentido. Durante algum tempo, conseguimos aguentar as nossas perdas e até vivê-las com fortaleza e perseverança, porque as vivíamos como oportunidades de nos

aproximar mais de Deus. A dor e o sofrimento da vida eram suportáveis porque nós os vivíamos como formas de testar a nossa força de vontade e de aprofundar a nossa convicção. Contudo, à medida que vamos envelhecendo, vamos descobrindo que aquilo que sustentou a nossa vida durante muitos anos – a oração, o culto, os sacramentos, a vida em comunidade e o conhecimento claro do amor de Deus, já perdeu aquela força que tinha antigamente. Ideias longamente acarinhadas, disciplinadas longamente praticadas e costumes longamente arraigados de celebrar a vida já não conseguem aquecer os nossos corações, e nós já não conseguimos entender o como e o porquê da nossa antiga motivação.

Recordamos o tempo em que Jesus era tão real para nós, que não tínhamos qualquer dúvida acerca da sua presença nas nossas vidas. Ele era o nosso amigo mais íntimo, o nosso conselheiro e guia. Ele reconfortava-nos, transmitindo-nos coragem e confiança. Nós sentíamos-lo, saboreávamo-lo e tocávamos-lhe. E agora? Já não pensamos muito nele, já não desejamos passar longas horas na sua presença. Já não nutrimos aqueles sentimentos especiais por Ele. Chegamos mesmo a interrogar-nos se Cristo não será apenas uma figura extraída de um livro de histórias. Muitos dos nossos amigos riem-se dele, troçam do seu nome ou ignoram-no simplesmente. Pouco a pouco, chegámos à conclusão de que Jesus também se tornou um estranho para nós - em certo sentido, também nós o perdemos. Somos como os dois discípulos que esperaram, mas «perderam» a esperança.

### *O que fazer das nossas perdas?*

Que fazer das nossas perdas? Estaremos a ocultá-las? Continuamos a viver como se não fossem perdas reais? Vamos mantê-las escondidas, sem as partilharmos com os outros, companheiros de viagem? Iremos cultivar a convicção ilusória de que, enfim, as nossas perdas são pequenas comparadas com os nossos ganhos? Ou nos revoltaremos contra a vida, dando a culpa aos outros? Na verdade, são estas as nossas reações.

Contudo temos uma outra possibilidade: chorar as nossas perdas. Sim, chorar as nossas perdas, derramar lágrimas sobre elas, entregando-nos ao profundo desgosto que nos provocaram. Entregar-se ao desgosto e às lágrimas significa permitir que as nossas perdas desfaçam os nossos sentimentos de segurança e nos conduzam à dolorosa aceitação da nossa fragilidade. Assim, experimentamos o abismo da nossa própria vida, onde nada está assente, nada é claro ou óbvio, mas tudo está em constante mudança e transformação.

A dor pelas nossas perdas, o desgosto dos nossos corações feridos, abrem o seu olhar interior para vermos outras perdas dolorosas, além da nossa família, dos nossos amigos e colegas. Existe o mundo dos presos, dos

refugiados, dos doentes, das crianças e de inúmeros seres humanos. Então, o nosso coração pode ligar-se aos gemidos e lamentações de toda a humanidade sofredora. Então, as nossas lágrimas, criam um coração sensível, que ultrapassa infinitamente os nossos limites.

### *Bem-aventurados os que choram*

Contudo, no meio de toda esta dor, ouve-se uma voz estranha e chocante que nos enche de surpresa. E a voz daquele que diz: «Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.» Eis a notícia inesperada: há uma bênção escondida no fundo do nosso desgosto.

Não são bem-aventurados aqueles que consolam, mas os que choram! Afinal, há um dom oculto no meio das nossas lágrimas. Começam a dar-se os primeiros passos de dança no fundo do nosso desgosto. Em certo sentido, os gritos de dor, que surgem das nossas perdas, preparam os nossos cânticos de gratidão.

Acorremos à Eucaristia com o coração despedaçado por muitas perdas, tanto as nossas como as do mundo, tal como os dois discípulos de Emaús que regressavam à aldeia. Juntamente com eles, também nós dizemos: «Esperávamos, mas perdemos a esperança».

### *Ressentimento ou gratidão*

A questão fundamental é a seguinte: se as nossas perdas conduzem ao ressentimento ou à gratidão. O ressentimento é uma opção real e muitos seguem por ele. É compreensível que aqueles que estão desiludidos, zangados, amargurados, se tornem pessoas cada vez mais ressentidas. O ressentimento é uma das forças mais destrutivas da nossa vida. É uma zanga fria que se instala no âmago do nosso ser, endurecendo o nosso coração. O ressentimento pode invadir de tal forma a nossa vida que se torna uma forma de viver, um estilo de vida, mesmo quando não o reconhecemos como tal.

O ressentimento é uma opção tão espontânea, uma reação óbvia perante as circunstâncias adversas da nossa vida.

O Padre Henry Nouwen insere a seguinte reflexão: *Muitas vezes interrogo-me como viveria se não houvesse qualquer tipo de ressentimento no meu coração. Estou tão habituado a conversar sobre pessoas de quem não gosto, a guardar recordações de acontecimentos que me provocaram muita dor, ou a agir com desconfiança e medo, que não sei como seria se eu não tivesse motivos de queixa e ninguém com quem me pegar! O meu coração ainda tem muitos recantos onde se ocultam os meus ressentimentos, e eu interrogo-me se realmente quererei viver sem eles. Que faria eu sem esses*

*ressentimentos? E há muitos momentos na vida em que tenho a oportunidade de os alimentar. Antes do pequeno-almoço, dia após dia, já tive muitos sentimentos de desconfiança e ciúme e muitos pensamentos acerca de pessoas que prefiro evitar, e já fiz muitos planos para viver o meu dia na defensiva.*

Provavelmente nunca estaremos completamente livres de qualquer ressentimento, sendo uma reação tão óbvia da nossa sensibilidade humana. Contudo, podemos reconhecer o polo oposto, para onde podemos e reconduzir a nossa vida: a gratidão.

A tragédia é que o ressentimento está oculto no interior da Igreja e é um dos aspetos mais paralisantes da comunidade cristã.

*Viver de forma eucarística é viver a vida como um dom.*

A Eucaristia oferece-nos a possibilidade de renunciarmos ao ressentimento e escolhermos a gratidão. Chorar as nossas representa simplesmente o primeiro passo. As lágrimas choradas são capazes de amaciar os corações endurecidos, despertar a solidariedade e abrir à possibilidade de viver a vida como um dom, pelo qual devemos agradecer.

«Eucaristia» significa literalmente «ação de graças». Quando nos reunimos para celebrar a Eucaristia, de coração contrito, pedimos perdão pelos nossos pecados reconhecemos que a vida é um dom, pelo qual devemos agradecer. A vida eucarística tem tudo a ver com gratidão. A gratidão não é a reação óbvia e espontânea como o ressentimento, particularmente, quando experimentamos a vida como uma série de perdas! No entanto, a vida eucarística consiste precisamente em que, chorando as nossas perdas, reconhecer a vida como um dom e, por isso, agradecemos. A beleza da vida está intimamente ligada à sua fragilidade e mortalidade e podemos experimentá-lo diariamente – quando apanhamos uma flor, quando vemos uma borboleta a dançar livre pelo ar, quando acariciamos um bebé na sua fragilidade e pequenez. A fragilidade e dom da vida estão sempre presentes, e não poderiam experimentar a alegria de viver sem ter esta perceção. Nenhuma perda pode ser chorada sem uma certa intuição de que iremos encontrar uma vida nova. (p 33)

Hernry Nouwen, *Não nos ardia o coração? Uma meditação sobre a vida eucarística*, Paulinas, 2ª 2006. Capítulo 1, *chorando as nossas perdas*, pp. 19-29. Texto resumido e arranjado por Padre Leone Orlando.